

POBREZA E PERDAS TERRITORIAIS NA OBRA *MACHOMBONGO*, DE EUCLIDES NETO

Poverty and territorial losses in Euclides Neto work's: Machombongo

Juliana Cristina Ferreira¹

Artigo recebido em: 08/07/2019.

Artigo aceito em: 22/09/2019.

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar as perdas territoriais e a pobreza que as personagens trabalhadoras rurais sofriam no período em que, ocorria no Brasil, o Golpe de 1964, representado na obra *Machombongo* (2014), de Euclides Neto. A fazenda era o local onde os trabalhadores sofriam com a miséria, resultado da perda da moradia, do salário aviltante, da escravização dos homens livres (trabalhadores) e do silenciamento. Para uma melhor compreensão buscamos apoio teórico em Maria Moura (1978), sobre as relações de poder entre o fazendeiro e os agregados e Deleuze e Guattari (1995), para compreendemos o processo de desterritorialização que os trabalhadores rurais sofriam. A metodologia baseia-se na pesquisa bibliográfica e na análise da obra em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza – Desterritorialização – *Machombongo*.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the territorial losses and the poverty that the rural working characters suffered during the period in which, in Brazil, the coup de 1964, represented in the work *Machombongo* (2014), by Euclides Neto. The farm was the place where the workers suffered from misery, the result of the loss of the dwelling, the eager salary, the enslavement of the Free men (workers) and the silting. For a better understanding we seek theoretical support in Maria Moura (1978), on the power relations between the farmer and the aggregates and Deleuze and Guattari (1995), to understand the process of deerritorialization thar rural workers suffered. The methodology is based on bibliographic research and analysis of the work in question.

KEYWORDS: Poverty – Deerritorialization – *Machombongo*

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.
<http://lattes.cnpq.br/0990121365882187>

1.1 Uma breve discussão sobre *Machombongo*

A obra *Machombongo* representa o período em que o Brasil sofreu com o Golpe Militar de 1964. Nessa época houve a ascensão dos poderes do fazendeiro produtor de cacau, após fazer acordos políticos com os militares. Como representação da realidade vivida naquele contexto, a obra apresenta-se como uma narrativa de denúncia social e política, revelando a realidade da região cacauceira, que era movida pela presença de senhores e de servos ali envolvidos na produtividade. A história mostra homens vivendo em situações de dominação, sustentadas pela conjuntura política do local, que apoiava o coronelismo e o trabalho de exploração e opressão dos lavradores.

Nesse trajeto, a personagem Rogaciano Boca Rica, assim conhecido por ter seus dentes cobertos com ouro, não media esforços para continuar obtendo riqueza e com amplos poderes sobre a região. Tais esforços do fazendeiro traduziam-se na prática da violência contra os trabalhadores; explorava-os e coagia-os no momento da votação, para que conseguisse a unanimidade de votos² e continuasse exercendo cargo na política. “Acobertado por um advogado corrupto, Dr. Esequiel, e por políticos interessados nos milhares de votos” (CESAR, 2003, p. 61), Rogaciano era visto pela população como uma espécie de senhor feudal, com poderes para praticar seus desmandos sem intervenção da justiça. Além do advogado Esequiel, “o juiz era dele, mandava no homem” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 38).

Com amplos poderes e com a justiça do seu lado, Rogaciano sabia que poderia invadir as roças dos trabalhadores e os expulsar quando achasse necessário, para o crescimento de sua fazenda. As terras vizinhas podiam, a qualquer momento, serem tomadas para fazerem parte da fazenda Ronco D’Água, sua propriedade, para o crescimento da lavoura. Apesar de os trabalhadores, terem a consciência do poder político do fazendeiro, “andavam conformados com a própria miséria” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 51). Esse “conformismo” existia porque ao enfrentar o coronel, os trabalhadores poderiam ser mortos por seus jagunços, que, para a

² No período do coronelismo havia o “voto cabresto”, que era um sistema político abusivo, impositivo e arbitrário, praticado pelos coronéis para manterem-se no poder.

expansão da produtividade cacauceira, os expulsavam de suas terras, de maneira violenta. Assim, com todo o poder, Rogaciano com seus jagunços,

[...], podiam derrubar casa de posseiro a trator, queimar as madeiras dos roçados até alvejar branquidão de cinzas, passar os aviões lançando inseticidas, matando os inocentes dos ocos, locas e ninhos. [...]. Nem foice usavam: eram troços e trompaços os itapicurus, paus d'arco, aroeiras e braúnas. Depois o cardume de fogo devorando... A bicharada que não morria nas labaredas ou no veneno abrigava-se na Encantada (EUCLIDES NETO, 2014, p. 214).

Para o crescimento de sua fazenda, Rogaciano podia, com a ajuda de seus jagunços, derrubar as casas dos posseiros vizinhos “a trator”, ou atizar fogo e “queimar as madeiras dos roçados”, “matando os inocentes dos ocos, locas e ninhos”, ou seja, expulsando também, os animais de seus *habitats*, para tomar posse das terras. Os jagunços eram homens contratados para protegerem a fazenda e o proprietário, viviam armados, coagindo a população, conforme esclarece Rocha (2008).

A crueldade para com os trabalhadores era imensurável, tanto que, o fazendeiro os expulsava do local onde moravam e apropriava-se de suas terras. Com a posse das terras alheias, o cacauicultor ampliava ainda mais sua produtividade, adquirindo mais poderes e acúmulo de riqueza. Por outro lado, os trabalhadores empobreciam cada vez mais, chegando ao estado de miséria.

De acordo com a afirmativa de Moura (1988), o proprietário da fazenda em desenvolvimento, ou seja, da fazenda que crescia com a produtividade, tornava-se coronel e poderia expulsar os lavradores de terras vizinhas para tomar posse do território e ampliar sua produtividade. O coronel se apossava das terras dos pequenos posseiros sem nenhum registro, ou documentos; usava apenas sua força e poder econômico para expulsar os menos favorecidos de seus lares.

Ao serem expulsos de suas próprias terras, os trabalhadores sofriam com a desterritorialização. Para Deleuze e Guattari (1995), na medida em que os sujeitos perdiam suas terras e sua moradia, eles se tornavam fugitivos e fugidios sobre a terra, sem um lugar para poderem chamar de seu. Ao sofrerem o processo de perdas territoriais, os trabalhadores empobreciam, chegando à extrema pobreza, à miséria.

Na obra, por exemplo, os miseráveis das roças de cacau eram os lavradores que perderam suas terras, foram expulsos de sua moradia, para a posse do coronel, e, sem absolutamente nada, continuaram nas terras que um dia foram suas, porém, como agregados, morando de favor. O salário era desonroso e esses agregados passavam longos períodos de fome e como forma de sobrevivência, aceitavam os desmandos do fazendeiro, para a realização de trabalhos explorados.

Ao serem expulsos de suas próprias terras, os trabalhadores perdiam sua moradia e sem condições para se deslocarem, continuavam nas terras para trabalharem e retirarem dela o sustento. Para Deleuze e Guattari (1995) era uma forma de se reterritorializarem, de terem um local para abrigar-se das adversidades climáticas. O ato de reterritorializar, a partir das perdas territoriais fazia com que os lavradores sofressem mudanças/perdas em suas identidades. As perdas identitárias dos sujeitos eram agravantes e estes poderiam até se zoomorfixarem, serem rebaixados como animais, conforme Cardoso (2006).

A zoomorfixação acontece a partir do momento em que os trabalhadores perdem suas identidades, suas dignidades e são oprimidos pelo sistema capitalista. Ao perderem suas identidades, uma vez que a identificação dos sujeitos está associada ao pertencimento, pois cada ser é identificado pela região onde vive, pela cultura e língua do local, conforme esclarece Silva (2012), os sujeitos tornam-se sem rumo, vivendo no anonimato.

Assim, durante a narrativa, percebemos que os trabalhadores desterritorializados, tornavam-se miseráveis e passavam a viver no limiar entre a busca pela sobrevivência e a violência que os rondavam a todo o momento, que os oprimia e os explorava no trabalho. Uma das maiores violências vividas por esses lavradores era o fato de serem expulsos de suas próprias terras, de sua moradia, para o crescimento da lavoura cacauzeira.

1.2 As personagens oprimidas e o lugar do refúgio

As personagens oprimidas e pobres da obra *Machombongo* viviam em condições subumanas, nos casebres no meio do mato, sem alimentação adequada, passavam longos períodos de fome e não tinham direitos trabalhistas. Eram trabalhadores da região ou migrantes que procuravam as fazendas cacauceiras para trabalharem, uma vez que, o cacau era conhecido como fruto de ouro, por causa de sua grande produtividade.

Compondo o quadro de trabalhadores rurais que foram expulsos de suas próprias terras, mas que continuaram na fazenda, trabalhando como agregados temos: a personagem Januário, um leal funcionário, que, apesar de ter perdido suas terras para Rogaciano, manteve sua amizade com o deputado, por serem vizinhos. O lavrador continuou na fazenda, trabalhando como chofer do deputado. Segundo o narrador:

Ali, chegava Januário: sem fazenda, sem as vacas borralhas de vinte arrobas, viciado na bebida que agora o amigo exigia que deixasse, a fim de poder trabalhar com ele. E pobre, fazendo só o que sabia: chofer e rapaz de recado. De inteira confiança. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 184).

Sem ter para onde ir e vivendo na pobreza, Januário continuou na mesma fazenda que um dia fora sua, compondo o quadro de agregados da região que havia perdido as terras. Desterritorializados, os trabalhadores empobreciam e sem condições para se deslocarem para outros lugares, permaneciam na fazenda, morando de favor como agregados. A moradia de favor resultava em dívidas com o patrão, que eram pagas com trabalhos explorados, como afirma Moura (1985).

Assim, durante a leitura da narrativa, fica perceptível que a fazenda, para os trabalhadores, era um local de pobreza e servidão, devido à escassez de recursos para uma vida digna. Os lavradores não conseguiam deslocar para outros lugares e continuavam ali no local. Nesse sentido, a pobreza era representada por meio de vários aspectos, tais como a fome, péssimas condições de moradia, pois as casas eram de palha taipa, além do subemprego, mantido como uma forma de

sobrevivência na sociedade excludente. A opressão era intensa; os trabalhadores não possuíam nem ao menos documentos pessoais e viviam no anonimato, nas realizações dos trabalhos da fazenda Ronco D'Água.

Além dos trabalhadores da região, na fazenda havia agregados que migraram de outras regiões em busca de emprego na lavoura, de moradia e uma vida melhor. Todavia, esse quadro de trabalhadores era constituído também, por estudantes ativistas militantes de esquerda disfarçados de lavradores, que lutavam contra a repressão da Ditadura Civil Militar do Brasil. Em meio a esse grupo de estudantes estavam Zacarias e Deoclécia, engenheiro e médica, disfarçados de trabalhadores com o intuito de fazerem os trabalhadores refletirem sobre o sistema opressor e lutarem contra as injustiças vivenciadas no período ditatorial.

Sobre o fato de estudantes universitários trabalharem disfarçados de lavradores nas fazendas cacauceiras, comparamos esse acontecimento ao filme *Araguaya: conspiração do silêncio*, do diretor Ronaldo Duque. O filme estreou em 2004, baseado nos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia, que aconteceu na década de 1970, no Norte do Brasil. Vários estudantes universitários e militantes de esquerda foram disfarçados de trabalhadores rurais para uma comunidade próxima ao rio Araguaia, intencionados a conscientizar os trabalhadores a unirem-se na luta contra as injustiças vivenciadas na região como: as tomadas de terras, a destituição de emprego e a violência durante a Guerrilha (ARAGUAYA, 2004).

A história do filme *Araguaya: conspiração do silêncio* lembra-nos, em *Machombongo*, o fato dos migrantes, que eram estudantes e militantes de esquerda, disfarçados de trabalhadores, que tinham como objetivo, conscientizar os lavradores, para que, unidos, pudessem lutar contra a opressão e escravização na lavoura cacauceira. A esse respeito, temos como exemplo, as personagens Zacarias e Deoclécia, estudantes disfarçados que chegaram à região a procura de emprego na lavoura. Eles passaram por uma espécie de entrevista feita pelo deputado, para que este analisasse se os trabalhadores estavam, ou não, aptos ao trabalho na fazenda. O diálogo exposto abaixo mostra como aconteceu o acordo entre Rogaciano e os candidatos ao trabalho na lavoura:

- Qual o seu nome?
 - Zacarias.
 - Sabe trabalhar em quê?
 - No pesado, o que vosmicê mandar.
 - É vaqueiro?
 - Inhô, não, mas na precisão de um, arreo uma vaca.
 - Essa é sua mulher?
 - É minha dona.
 - Ela trabalha?
- As perguntas vinham secas, diretas, afiadas como agulha costurando sacos.
- Faz todos os trabaio. Só não sabe mexê em cozinha, mesmo assim arremedeia.
 - Aqui nessa fazenda não temos serviço, mas na Ronco D'Água, perto de Rio Novo...
 - Onde fica?
 - Vocês passaram por ela... depois da cidade, passa a ponte, viaja um pouco na rodagem...
 - Perto da fazenda do Deputado Rogaciano?
- O próprio se entusiasmou em ouvir o nome no conhecimento da popularidade. Aquilo lhe aumentava o prestígio e a vaidade.
- Vocês conhecem o deputado Rogaciano?
 - De nome muito... Quem não conhece?
 - Mas conhece daqui ou de lá do sertão?
 - A bem verdade, logo que chegemo no comércio, nos dissero que o deputado emprega todo mundo que aparece. Já até passemos na fazenda Ronco D'Água, uma grandona, sede bonita, curralama de um lado, o alinhamento das barças do outro.
 - Isto aí. Mas lá de Juazeiro?
 - De lá, nós ouvimos falar o nome dele... homem de muita fama e respeito.
 - Pois é com o deputado que você está falando.
 - Vigia Deoclécia... que mundo pequeno, meu Deus. O mundo tá encoendo. Quem haveria de dizer. Nós saímo de lá do norte pensano em morar com vossa senhoria.
- Assim, o catingueiro ganhou o deputado, que lhe ordenou:
- Volte... ou melhor, espere aí, que vocês vão comigo, na caminhonete, logo mais. Lá, tenho serviço para vocês.
- (EUCLIDES NETO, 1986, p. 49-50).

A fazenda Ronco D'Água, lugar que gerava emprego (servidão), era conhecida em toda a região, até mesmo no Juazeiro, cidade localizada no norte baiano, e o deputado Rogaciano, “homem de muita fama e muito respeito” (EUCLIDES NETO, 1986, p. 50), por ser um político e produtor de cacau tornara-se muito conhecido em todo o Estado.

Com o desenvolvimento da lavoura cacaueira, a região Sul da Bahia, desde o século XIX, passou a ser vista como um *Eldorado*. A partir desse crescimento, milhares de pessoas migravam de várias partes do Brasil em busca de uma nova

vida, trabalhando na lavoura do fruto de ouro, assim conhecido por trazer riquezas e prosperidade à região e principalmente, aos cacauicultores, como afirma Rocha (2008).

Todavia, constituindo a classe dos trabalhadores silenciados pela opressão, além dos migrantes e dos lavradores destituídos de suas terras, havia os Pindaíbas, que eram indígenas que viviam numa tribo nas terras da fazenda Ronco D'Água e, há muitos anos estavam ali. Com uma característica peculiar, os indígenas, que moravam na mata, com o crescimento da lavoura, foram, também, desterritorializados, pois Rogaciano apropriou-se do território onde viviam, escravizando-os na lavoura. Adonias Filho (1978) assevera que, nos tempos da colonização, a mata originária foi derrubada pelos desbravadores para as plantações de cacau. No entanto, como havia indígenas nas terras, os Pindaíbas, a obra representa a herança da escravização dos tempos coloniais e das perdas do espaço onde a tribo vivia.

O narrador mostra, além da perda da moradia indígena, a exploração da mão de obra do grupo, que viviam nas terras do deputado, bem como as características fisiológicas peculiares dos Pindaíbas:

[...] troncados, baixos, ombros de pilão, cara de seixo, olhos esféricos. Os braços exageradamente compridos, as mãos grossas, pesadas, dando a lembrança de uma pá carregadeira: os músculos desenvolveram-se através de gerações de homens que puxaram a enxada, levando anos, possivelmente séculos, no jogo da estrovenga, machado, da marreta batendo cunha, do marrão quebrando pedra, da panca embarcando madeira de estaleiro. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 53).

Por meio do excerto, compreendemos que os trabalhadores humildes que viviam na Ronco D'Água eram explorados a partir dos trabalhos difíceis que realizavam no dia a dia, até seus corpos já mostravam as marcas dessa exploração: “os braços exageradamente compridos, as mãos grossas, pesadas, dando lembrança de uma pá carregadeira” (p. 33). Os músculos “desenvolveram-se” após anos de trabalhos exaustivos e desumanos com enxada, machado, marreta, para a realização de trabalhos na fazenda. Além de serem explorados no trabalho,

Rogaciano mantinha o grupo fechado, no meio da fazenda, morando em casas de palha, perto umas das outras – pequeno arruado. A cada um, permitia pequeno taco de terra onde plantavam mandioca e milho, criavam galinhas, armavam arapucas e mundéus. Quase não trabalhavam perto da sede. Somente Chico Pindaíba por lá andava, o que já constituía grande progresso. O deputado só queria usar o grupo, tomar-lhe a força dos braços (EUCLIDES NETO, 2014, p. 58).

Como percebemos, o deputado Rogaciano mantinha o grupo “fechado, no meio da fazenda”, para que ninguém os encontrasse e para que eles (os Pindaíbas) não tivessem contato com outros trabalhadores. Mantendo-os isolados, era mais fácil de explorá-los no trabalho, pois, “o deputado só queria usar o grupo, tomar-lhe a força de trabalho” (p. 58). Somente Chico Pindaíba andava por perto da sede porque já era trabalhador e morador antigo da fazenda Ronco D’Água, já estava com setenta e cinco anos de idade e já havia adquirido certa intimidade com o deputado.

Para que o deputado Rogaciano continuasse tendo esses trabalhadores na fazenda, ele facilitava os encontros entre os casais de Pindaíbas, os quais eram submissos, pois haviam aprendido a realizar, de maneira conformada, os trabalhos na fazenda, aprendiam com os pais e transmitiam para os filhos. Os encontros amorosos entre os Pindaíbas eram favorecidos pelo fazendeiro, desde o início da adolescência. Assim, Caçula, a filha de um Pindaíba, que já estava ficando adolescente, aos doze anos, segundo a voz narrativa:

Entraria no primeiro cio, já aos doze anos e no escondido de qualquer moita, atrás de pedra, barranco de rio, apanharia barriga. Mal escolheria um primo de todos, se não fosse mais chegado. Mais de uma fora pegada por irmão, paria e criara o filho (EUCLIDES NETO, 2014, p. 58).

Ao favorecer o encontro entre os Pindaíbas, na adolescência, o deputado conseguiria mais trabalhadores disponíveis para o trabalho na lavoura. Assim que alguma Pindaíba entrasse “no primeiro cio”, ou seja, o período da menarca, o fazendeiro já providenciava uma forma de ela se unir sexualmente com um Pindaíba primo, ou até mesmo um irmão, para que, futuramente, os filhos dos Pindaíbas serviriam para o trabalho explorado.

Todavia, vivendo na opressão, os agregados tinham como refúgio imaginário, *A Serra do Machombongo*. Na obra, *Machombongo* significa “horizonte”, um lugar

idealizado, utópico, de desejo e de prazer das personagens que tinham consciência de sua subalternidade nas fazendas cacauceiras. O local era de resistência, para onde os trabalhadores, cansados da exploração, se refugiavam. Os lavradores sonhavam com a *Serra*, um lugar onde todos poderiam lavar e tirar da terra o seu próprio sustento, sem a opressão dos coronéis. A tão sonhada serra era oposta à fazenda Ronco D'Água; fazenda fictícia da narrativa, que representava um lugar hostil, cheio de lutas e sofrimento dos trabalhadores que buscavam sobreviver à pobreza, à fome, à exploração e ao salário indigno. Nesse cenário, o narrador esclarece que:

A serra nasceu de Deus, dissera Jesus. Arrumara tudo, para que o homem pobre a usasse. Tanto que os homens donos dos currais não a queriam: não dava colônia, os bois morriam ervados, atolados nos dentes da onça, no queixo do cascavel. Só os pequenos criadores levavam seu gadinho para lá no tempo da seca. A serra pertencia aos fracos. De ponta a ponta deitava-se mais perto do céu. Deus a enfeitava de jaziras, sempre-vivas, botão íris. Agasalhavam-se, ali, os bichos fugidos dos incêndios das terras do colônia. Agora, iria entrincheirar³ os homens (EUCLIDES NETO, 2014, p, 191).

A *Serra do Machombongo* era uma terra desejada pelos trabalhadores, por ser uma terra que podia, no imaginário deles, ser usada pelos homens pobres de maneira igualitária. A terra “pertencia aos fracos”, aos pobres e marginalizados socialmente, e, por isso, era considerada uma espécie de paraíso, que abrigava e protegia os trabalhadores refugiados. Era também o lugar onde predominava a igualdade de direitos para todos, pois a terra era usada por todos para os seu sustento e moradia.

Ao referir-se a *Serra do Machombongo* como um lugar idealizado e que possui igualdade social, o narrador revela também, uma maneira de manifestar o pensamento marxista, pois uma das grandes preocupações do marxismo era a questão da igualdade entre todos os indivíduos. Marx (1999) argumenta que o socialismo pode sim ser concretizado a partir da união e uma luta organizada do proletariado com ideias e finalidades iguais. O princípio da igualdade ocorrerá através de uma construção de igualdade para todos, sem quaisquer perdas territoriais de uns e privilégio para outros.

³ Proteger-se, fortificar-se com trincheira, munir-se de meios para defender-se (FREEIRA, 1974).

1.3 Considerações finais

Na obra, os trabalhadores conscientes de sua exploração, da pobreza e das dificuldades vivenciadas no dia a dia, construíam idealizações como forma libertadora da opressão em que viviam. Seus desejos e utopias revelavam-se na sonhada *Serra do Machombongo*, lugar de igualdade, sem exclusão, sem fome e sem exploração, onde todos pudessem viver em paz.

Todavia, apesar de a *Serra do Machombongo* ser uma terra sonhada por todos os trabalhadores, nem todos conseguiam chegar nela, devido à pobreza, ao grande número de filhos pequenos e à falta de condições de deslocamento. Com dificuldade em deixar o trabalho nas fazendas, os trabalhadores, em sua maioria, continuavam trabalhando como agregados e continuavam sendo explorados, humilhados e levando uma vida de muita pobreza e opressão.

Enquanto trabalhavam como agregados, os lavradores tinham apenas um pequeno pedaço de terra em volta do casebre, para plantarem uma horta. Esse pequeno pedaço de terra era doado pelo fazendeiro como estratégia para os trabalhadores não tocarem nas plantações do fazendeiro e, assim, manterem as lavouras bem cuidadas e com o foco nas vendas e exportações. Segundo afirma Rocha (2008), o plantio de cacau trouxe riqueza e prosperidade que sustentaram fazendas, vilas e cidades, além de propiciarem festas, viagens dos coronéis e um grande número de exportações desse produto.

O romance euclidiano mostra a realidade vivida no meio rural do sul da Bahia, as injustiças sofridas pelos trabalhadores rurais, por não terem documentos, nem os seus direitos garantidos e ainda, sofrerem com a violência da perda territorial. O autor, por meio de seus textos literários, representa as agruras vividas pelas personagens pobres da lavoura. Na obra, essas personagens trabalhadoras tornaram-se ainda mais pobres no período do declínio do cultivo, pois foram expulsas de suas terras, para o crescimento da fazenda do coronel.

Por meio dessa relação de poder – econômico-social – entre o deputado e os trabalhadores, na literatura euclidiana, percebemos o contraste entre a riqueza e a

pobreza, em decorrência, principalmente, do trabalho explorado que os agregados, homens pobres, eram obrigados a realizar, por questão de sobrevivência. O que os trabalhadores produziam na lavoura era apropriado pelo fazendeiro.

Desse modo, podemos compreender que o trabalho agregado cria a ideia de posse, ou seja, os trabalhadores passam a “pertencer” ao patrão, o que aumenta ainda mais a situação de dominação do fazendeiro para com os agregados. Esses trabalhadores, mesmo sendo livres, aderiam ao trabalho explorado para garantirem suas sobrevivências. Os agregados, naquele contexto, eram explorados, por trabalhar de forma exaustiva, além de estarem à mercê dos mandos e desmandos do fazendeiro.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. *Sul da Bahia: chão de cacau*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1978.

ARAGUAYA – A conspiração do silêncio, direção de Ronaldo Duque, Brasil, distribuição Paris Filmes, 109 minutos, 2004.

CARDOSO, João Batista. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James amado e Jorge amado*. Ilhéus: Editus, 2006.

CÉSAR, Elieser. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus, Bahia: Editus, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTERI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna: Cacau Letras, 1986.

MARX, Karl. *O manifesto comunista*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

ROCHA, Lurdes Bertol. *A região cacauzeira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: sagra, recepção, representação*. Ilhéus: Editus, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.